

A FESTA DOS PETROS EM POMBAL: tradição e fé, mas não tanto assim!

SEGIFREDO RUFINO DOS SANTOS

No final dos anos 40 do século passado, Raimundo de Sousa, 16 anos, agricultor, depois de viajar ao Rio de Janeiro voltou à Pombal, chegando propositalmente à cidade na semana da Festa do Rosário¹.

No sábado, véspera da grande festa, Raimundo acordou cedo, vestiu sua calça e camisa novinhas, compradas no Rio de Janeiro, calçou seu sapato de verniz, também trazidos da Capital nacional. “Estava se sentindo o tal, estava todo pronto com a roupa nova! Uma chiqueza só! Antes era (sic) só aquelas opercatas de rabicho, amarradas assim na perna e a roupa... era feita de saco! (risos) (SOUSA, 2008b). Aquele sábado, como os outros, era dia de feira, a cidade nesses dias ficava agitada, “eu diria pe-ri-go-as! Ficava muito movimentada! E sendo o sábado da Festa do Rosário então!?!(SOUSA, 2008a). Mas nem por isso a festa era menos animada. Assim, Raimundo impulsionado pelo desejo de mostrar sua nova condição de homem da moda, saiu de casa já pela manhã vestido em seu traje mais fino. “Era preciso, antes de anoitecer, mostrar como estava bem vestido, bacana! Aos amigos e principalmente as moças da cidade” (SOUSA, 2008b).

Ao andar pelo comércio foi logo reconhecido pelos amigos que se aproximaram e o elogiaram: “ta todo granfino (sic) o Raimundo depois que conheceu a Capital do Brasil!(SOUSA, 2008b). As moças também notaram o novo figurino. Raimundo era só empolgação.

Naquele dia os negros dos pontões e os congos também circulavam pela cidade. Juntamente com os mesários da Irmandade do Rosário, dançando, cantando e bebendo por todo o comércio, coletando dinheiro para a festa.

¹ A Festa do Rosário de Pombal, assim como a Irmandade do Rosário foram criadas no final do século passado, em 1895, momento em que o país passava por grandes mudanças sócio-políticas, a exemplo da abolição da escravidão (1888) e da implantação do regime republicano (1889). Naquele contexto, em Pombal aproximava-se a conclusão das obras do novo templo para a padroeira, Nossa Senhora do Bom Sucesso. Em pouco tempo a antiga Igreja Matriz seria desabrigada. Antecipando-se em dois anos, Manoel Cachoeira, idealizador da festa, foi até Pernambuco, onde conseguiu a autorização para criar naquele ano a Irmandade do Rosário de Pombal. Em 1897, com a conclusão da nova Igreja, os negros ganharam o seu templo Católico no centro da cidade.

Raimundo percebendo que seria abordado pelo grupo, saiu de fininho, “não tinha dinheiro para dar a Igreja não! (SOUSA, 2008b).

Como era de costume, para os homens da cidade, da zona rural ou de outras freguesias, o sábado da Festa do Rosário era para ser consumido por inteiro². Raimundo logo sentou-se numa barraca, “não aquelas da igreja, as outras, mais modestas”(SOUSA, 2008b), tomou algumas doses da cachaça Liosa ou Sarinha, que eram as mais consumidas pelos pobres, e se pôs a conversar com outros jovens, que como ele pareciam estar na cidade em busca de diversão. A um certa altura do dia, os rapazes o chamou para ir até o rio, continuar a beber e conversar. E como era um dia para as farras...

Como era de costume, ao chegar ao balneário, os jovens rapazes tiram suas roupas e as colocaram sobre algumas pedras. Raimundo, zeloso de suas vestes não agiu de outra maneira, afinal era sua única roupa. Aquela que ele vestiria à noite e durante o domingo para se apresentar as jovens moças pombalenses e quem sabe encontrar um par romântico para sentar ao seu lado no banco da praça. A Festa do Rosário prometia!

E como prometia, Raimundo nunca mais esqueceria aquela tarde:

Ora, eu todo empolgado, de roupa nova, de sapato, todo bacana, bebendo e ainda tomando banho de rio. Tava uma maravilha! Conversando sobre as mocinhas, combinando os namoros! Ai aqueles cabras safados aproveitaram um mergulho, pegaram minhas roupas e saíram correndo. Carregaram tudo! Me deixaram nu! (risos) Sem nada! Fiquei nu e sem roupa nova! (risos) não sabia nem quem era (sic) eles” (SOUSA, 2008b).

O episódio narrado pelo senhor Raimundo, evidencia o caráter profano da festa dos negros, mas também um problema social enfrentado pela população da aldeia, o aumento do fluxo de pessoas nas ruas da cidade e consequentemente o crescimento do número de crimes de roubos.

Outro aspecto que pode ser percebido e problematizado no episódio acima, diz respeito ao caráter popular da festa³. O nosso depoente pertencia

² Sobre o conceito de Consumo ver CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

³ Sobre a concepção de cultura popular e cultura de elite ver CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

aos segmentos econômicos mais baixos, e sua ida a capital do Brasil, não foi em hipótese alguma a passeio, nem tampouco a estudos, mas em busca de trabalho. É possível perceber nas palavras do depoente o desejo de ser “moderno”, de se inserir na vida social da elite.
